

# As dialéticas do comum e o capitalismo mais que tardio



Sérgio Amadeu da  
Silveira\*

**Resumo:** O texto analisa o avanço da extrema-direita em meio a um capitalismo em crise que falha em oferecer perspectivas de futuro. Inspirando-se em Gramsci, destaca que, enquanto o sistema atual agoniza, abre espaço para o surgimento do neofascismo. O texto defende a criação de experimentos comunais, que demonstrem a viabilidade de modos de vida alternativos ao capitalismo, baseados na solidariedade e na produção do comum. Rejeita a ideia de que apenas a tomada do poder estatal destruirá o capitalismo, propondo uma transformação que emerja das contradições internas do sistema, assim como ocorreu com o feudalismo. Enfim, sugere que a construção de novas formas de vida colaborativas e solidárias é crucial para superar o modelo capitalista vigente.

O atual momento histórico é de elevada tensão. A extrema direita mundial avança em todos os continentes como resultado de um efeito contraditório de um capitalismo concentrador que não apresenta nenhuma perspectiva de futuro para as amplas maiorias. Em meio a tragédia, os reacionários se colocam cinicamente como uma força antissistêmica. Avançam pregando a volta a um passado que nunca existiu ou que era fundado na violência de gênero, raça e etnia. Sua estratégia passa pela negação da razão e dos fatos. Sua defesa se sustenta em valores reacionários, pré-iluministas e pela defesa da submissão dos direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores à força do capitalista mais poderoso. Nesse cenário, a lembrança de Antonio Gramsci é inevitável. O marxista italiano escreveu que nesses momentos em que o novo não consegue se impor, “o velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros”. Bolsonaro, Trump, Milei e outras exemplares do neofascismo emergem e organizam seus exércitos de zumbis para destruir as democracias e impor um sistema político adequado à imposição dos primados neoliberais.

\*Professor de Políticas Públicas da UFABC.

**Palavras-chave:** comum; modos de vida; transformação social.

Essa realidade não é homogênea em todos os países. Reviravoltas acontecem e resistências são construídas. Esse breve texto buscará

apresentar uma reflexão baseada em dois pressupostos: primeiro, as tentativas de defender melhorias gradativas no sistema socioeconômico atual são insuficientes para fazer frente ao reacionarismo antissistêmico; segundo, é preciso construir experimentos comunais que permitam mostrar que a organização do cotidiano pode ser diferente e que sejam a base de uma nova sociedade global. Isso não quer dizer que devemos abandonar as lutas pelos avanços pontuais. Apenas devemos reconhecer sua insuficiência. O que nos falta são ações estruturais de construção de um futuro diferente.

A ideia de que somente a tomada do poder do Estado permite a destruição do capitalismo é cada vez mais questionada pelos fatos. O pensamento histórico e dialético adverte que a nova sociedade irá brotar das contradições e antagonismos do presente, mas o novo se construirá a partir das sínteses do que temos. Ideias brotam da realidade e podem transformá-la, mas para tal precisam se colocar concretamente como possibilidades reais. O choque entre as dinâmicas do capital e os experimentos do futuro são fundamentais para a constituição de novas sínteses sociais.

É verdade que “o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral”, como relatou Karl Marx na introdução da obra *Para a Crítica da Economia Política*, publicado em janeiro de 1859. Condicionar é delimitar, não é determinar. Por isso, dentro do capitalismo é possível pensar na construção de soluções anticapitalistas. As contradições do sistema, a brutal concentração de riqueza em poder em uma classe e suas frações, abrem espaço para construções de experimentos que visam superar o capitalismo.

O modo de produção e o sistema feudais não foram destruídos por um golpe ou uma única ação de forças políticas revolucionárias. A derrocada do feudalismo foi um longo processo. A própria classe social burguesa se origina nos burgos. Estes eram cidades medievais que foram se proliferando principalmente a partir do século XI. Esse espraiamento se beneficiou de excedentes de alimentos que permitiram o seu abastecimento, o aquecimento do comércio e uma série outros fatores, inclusive as lutas religiosas pelo poder territorial. O termo “burgo” veio do germânico “burg” e significava fortaleza, local fortificado. Foi assimilada pelo latim medieval e como “burgus” para designar os assentamentos em torno de castelos, mosteiros e fortalezas estratégicas para a defesa territorial e para o comércio.

Foi nesse período de expansão e consolidação dos “burgus” na Europa que surgiram os burgueses, a classe de comerciantes e cavaleiros que posteriormente se tornariam os proprietários dos meios de produção no sistema capitalista. O argumento aqui presente é que o sistema capitalista não poderá ser suplantado apenas pela via da política e do Estado. Tal como o feudalismo, o capitalismo também deverá ser corroído por modos de vida que envolvam a produção do comum. Enclaves produtivos, transversais ou não, territorializados ou segmentados, em camadas ou partições, que sejam alternativas aos diversos modos de produção de subjetividades capitalistas, estes baseados no individualismo e no acúmulo incessante de lucros.

Sem organizações do comum que construam uma perspectiva viável e exemplar de se viver não será possível superar o modo de vida capitalista. Há diversas maneiras de se definir um modo de vida. O que fazemos para viver, como vivemos, quais nossas rotinas indispensáveis, como nos relacionamos com os próximos e distantes, os diferentes, os de outra espécie, as maneiras como nos cuidamos e socorremos uns aos outros, como tratamos os territórios que habitamos, enfim, esses procedimentos podem ser definidos como modos de vida. Por exemplo, Jason W. Moore apresenta sua concepção de modo de vida no contexto do capitalismo como um sistema ecológico integrado. “O capitalismo não

é um sistema econômico; não é um sistema social; é uma forma de organizar a natureza” (MOORE, 2015, p. 14). Jason Moore escreveu que “Wall Street é uma forma de organizar a natureza” (2015, p. 36), e, portanto, Wall Street é um modo de organizar a vida em um mundo dominado pelo capital financeiro e pelo neoliberalismo.

Viver em função do acúmulo de capital não implica somente em ter e fazer crescer o capital, mas principalmente em sonhar com o capital, imaginar ser um dia um acumulador de riquezas mesmo quando não passamos de ultra explorados. A força imaginária do capital é gigantesca. A realidade das maiorias não tem sido suficiente para convencê-las de que um sistema social baseado na competitividade permanente e no acúmulo de mercadorias e bens é perverso e ambientalmente insustentável. O modo de vida capitalista é inebriante e cinicamente destruidor.

Como seria viver sem ter como meta a produtividade, a eficiência e o acúmulo de riquezas? Seria possível construir modos de vida baseado na solidariedade? Podemos construir outro modo de produção que não seja baseado na propriedade individual? Seria possível constituir comunidades de bens comuns? As classes pauperizadas são portadores de novas formas de organização da vida? Existem implicações complexas sobre a luta de modos de vida. Um outro modo de organizar o ganho e distribuí-lo para além das cooperativas poderia ser constituído? Essas perguntas são próprias de quem busca superar o modo de produção capitalista. A chave dessa complexidade está na construção de experimentos do comum.

As teorias institucionalistas do comum comprovaram o papel da comunicação e da organização comunal para a gestão de recursos indispensáveis à vida. Os movimentos e comunidades de desenvolvedores em torno do software livre provaram a possibilidade que as práticas colaborativas não voltadas exclusivamente ao lucro podem construir soluções altamente tecnológicas e complexas. Seria possível criarmos espaços comuns de produção que lançassem perspectivas e um futuro não capitalista?

Práticas e invenções sociais podem mudar os rumos da história. Mudar o equilíbrio entre competição e colaboração e tornar a solidariedade o valor mais importante pode fundar novos modos de vida. Quem poderia sustentar tais invenções? Poderia a solidariedade das classes subalternas fundarem arranjos solidários capazes de atrair o imaginário desses extratos sociais? Conseguiria enfrentar a doutrina capitalista, neoliberal e vencê-la em um terreno completamente desigual?

O caminho tradicional de tomada do poder político é insuficiente, mas não descartável. Deixar o Estado apenas para o controle dos capitalistas é um equívoco. Todavia, sem experimentos e inventos sociais anticapitalista e de organização do comum não passaremos de administrados do capitalismo com preocupações sociais. O Estado é complexo e comporta políticas diversas. Em gestões dirigidas por socialistas, ele pode apoiar propostas radicais de construção solidária e de fundamentos de modos de vida comuns que superem a organização social baseada no individualismo.

Em tempos de tecnologias de tratamento simbólico, de economia dataficação que implementa a vigilância e o controle disseminados, de avanço de sistemas automatizados de alto gasto de energia, de concentração gigantesca de poder computacional em oligopólios gigantescos, de crescente precarização do trabalho e redução do poder aquisitivo das vastas maiorias das sociedades, o capitalismo parece consolidar as suas tendências mais perversas e reacionárias. Chegou a hora de elaborarmos estratégias de construção das fundações agora da nova sociedade dos comuns.

## Referências

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Cotia: Autonomia Literária, 2020.

GORZ, André. **Imaterial (o)-Conhecimento, Valor.** São Paulo: Annablume, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere (Vol. 3):** Maquiavel. Notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

GREIF, Avner. **Institutions and the path to the modern economy: Lessons from medieval trade.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MARX, Karl; FERNANDES, Florestan. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins fontes, 1983.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2024.

MOORE, Jason W. **Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital.** Londres e Nova Iorque: Verso Books, 2015.

OSTROM, Elinor. **Governing the commons: The evolution of institutions for collective action.** Cambridge: Cambridge University press, 1990.

PIRENNE, Henri. **Medieval Cities: Their Origins and the Revival of Trade-Updated Edition.** Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2014.

